



Memórias de
um militante
anarco-sindicalista

Emídio Santana

Memórias
de um militante
anarco-sindicalista

Edição revista e aditada em 2024

Prefácio de
João Barroso Soares

Lisboa
Tinta-da-china
MMXXIV

Índice

Prefácio de João Barroso Soares	9
Prefácio do autor	15
1. O mundo da minha infância (1910-1914)	19
2. As marcas da minha adolescência (1914-1919)	27
A Escola	27
A Guerra de 1914	30
A Revolução Russa e o clima nacional	36
O final da Primeira Guerra	42
3. O trabalho e a profissão (1920-1924)	49
Iniciação profissional	49
Ditadura ou revolução?	60
Estatismo ou comunismo?	60
Uma antecipação dos nossos dias	68
4. A minha iniciação nas juventudes sindicalistas	75
O ambiente social da minha iniciação	75
A Legião Vermelha	81
A minha iniciação militante	87
5. A cisão comunista na CGT (1925)	92
O Movimento militar de 18 de Abril de 1925	92
Como se produziu a cisão	99
Para que se fez a cisão?	111
Epitáfio da cisão	114
6. A minha experiência sindical (1926)	116
Nova experiência na actividade sindical	116
O congresso confederal de 1925	120
Nas sequelas da cisão	129
O 2.º Congresso das Juventudes Sindicalistas	135
Na encruzilhada de uma crise complexa	142

© 2024, Lúcia Santana
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
Tel: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Memórias de Um Militante Anarco-Sindicalista*
Autor: Emídio Santana
Prefácio: João Barroso Soares
Revisão: Fernando Quadros e Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china (P. Serpa)
Imagem da capa: www.centrostudilibertari.it

1.ª edição: Fevereiro de 2024

ISBN: 978-989-671-812-1
Depósito Legal n.º 526896/24

7. Do 28 de Maio de 1926 ao 7 de Fevereiro de 1927	149
8. O fim da Primeira República (1926-1927)	160
Ultrapassando o abalo interno	160
Começa a clandestinidade	166
9. A primeira prisão (1928)	172
A primeira prisão passando pela tropa	172
10. Começam tempos mais difíceis.	
O 18 de Janeiro (1928-1934)	186
Tempestade de vários quadrantes	186
Uma manobra irresponsável.	199
Desconto de 2% sobre os salários dos trabalhadores	199
Aguentando o temporal — 1931	206
No caminho de uma confrontação inevitável	217
A lição do 18 de Janeiro	225
A deportação	235
11. A Revolução Espanhola (1934-1937)	244
Uma tipografia clandestina	244
O congresso de Saragoça da CNT: Espanha	258
Uma missão e a prisão	270
12. A noite penitenciária (1937-1953)	283
Nos armazéns do código penal	283
A luta de anteu	300
A vitória moral	313
Até ao final	317
13. Mudam os tempos... mas não mudam as vontades	
(depois de 1953)	326
Recomeçando a vida e a actividade	326
Tempo de experiências	338
Mudam-se os tempos... mudam-se as vontades	346
Adenda	351
Ao virar da página, uma greve geral	351
Como epílogo	363
Anexos	365
Nota do revisor	435

Emídio Santana

por João Barroso Soares

Conheci Emídio Santana em meados da década de 60 do século passado. Deve ter sido num daqueles eventos que juntavam opositores à ditadura; ou numa qualquer conferência, ou debate, num dos poucos espaços num país oprimido como o nosso onde se encontravam os «do contra», opositores de Salazar, e da sua longuíssima ditadura, depois prolongada por Marcelo Caetano. Estou certo de que o vi várias vezes, ao longo dos anos, até ao 25 de Abril de 1974, nomeadamente na Cooperativa de Estudos e Documentação, na Avenida Duque de Ávila, em Lisboa. Uma iniciativa de socialistas, mas onde toda a gente, de todas as grandes famílias políticas da oposição à ditadura, era bem recebida.

Guardo desses primeiros encontros com Emídio Santana, que para mim começaram por ser de juventude, uma muito boa memória pessoal dele. Simplicidade, carácter, cultura, experiência, educação. Eu, claro, conhecia o percurso pessoal, cívico e colectivo de Emídio Santana. Respeitava-o e admirava-o profundamente. Emídio Santana não foi o único anarco-sindicalista na vida política e cívica portuguesa a manter a chama da primeira, e durante muitos anos mais importante, corrente do movimento operário português, justamente a corrente anarco-sindicalista. Mas foi de longe, então e depois, a mais proeminente figura com dimensão nacional e internacional. Em termos de idade, ele faz a ligação entre as primeiras gerações e as que se seguirão nessa corrente, até à revolução democrática de 25 de Abril de 1974. Em termos de percurso cívico, engajamento militante e coerência intelectual, também. Para além, claro, da vasta experiência revolucionária, das acções a que esteve ligado

e do preço que pagou pelo seu combate pela liberdade contra a ditadura. Emídio Santana passou mais de uma dezena de anos na cadeia. Além de que com o seu atentado, embora infelizmente falhado contra o ditador Salazar, ter humilhado e feito a demonstração prática da brutalidade, mas também da estupidez e inépcia, da polícia política, a PIDE — então ainda PVDE, depois PIDE, e, por fim, DGS.

Emídio Santana era antes de mais um homem bom, bem formado, de carácter, amigo de seus amigos, que traduzia na prática essas qualidades em solidariedade fraterna com os outros. Um genuíno, convicto e praticante anarquista. Até ao fim da sua vida manteve-se firmemente fiel aos seus ideais e convicções. Qualidades que são cada vez mais raras, mas que Emídio Santana claramente tinha. Demonstrou-o por variadas vezes ao longo da sua vida. Fui o editor da primeira e única edição até agora destas memórias. Tenho orgulho em tê-lo sido, até porque esse trabalho editorial de alguns meses consolidou a nossa amizade recíproca. Tenho orgulho, também, porque esta obra escrita e revista por Emídio Santana dá uma panorâmica clara sobre a sua vida desde criança e os grandes momentos do seu percurso pessoal e político ao longo de muitos anos. Valoriza dados pouco conhecidos e esclarece também algumas dúvidas que pudessem existir. Lembro-me do entusiasmo sereno, mas atento, com que seguiu os trabalhos da primeira edição deste livro. E como foi para mim pessoalmente muito gratificante poder partilhá-los com ele. Este livro repõe também, de alguma maneira, o papel na história dos anarco-sindicalistas portugueses, a mais importante corrente da esquerda portuguesa e do nosso movimento operário e revolucionário durante a Primeira República, e depois no combate contra a ditadura. Até ao final dos anos 30, início dos anos 40 do século passado. A partir daí, a predominância no trabalho clandestino continuado dos comunistas portugueses, organizados no seu PCP, de certa forma ofuscou ou desvaneceu o legado de luta e de combate dos anarquistas portugueses — até no que tem que ver com a história das vítimas do campo de concentração fascista do Tarrafal. As referências aos presos anarquistas, quando as há, são indiscutivelmente inferiores às feitas aos presos

comunistas. Um exemplo para mim bem claro: Bento Gonçalves é, a muito justo título, sempre lembrado, mas Mário Castelhana, secretário-geral da CGT e director de *A Batalha*, é infelizmente muito esquecido. Emídio Santana, a sua vida e a sua obra repuseram algum justo equilíbrio nessa memória. Tão importante para a compreensão da história do nosso século passado. Estas memórias de Emídio Santana, agora felizmente reeditadas por iniciativa de sua neta, Lígia Santana, fazem justiça a uma grande figura do Portugal do século passado. E repõem no lugar de destaque que lhe é devido o movimento anarco-sindicalista português.

Dezembro de 2022

Dedico as minhas Memórias em homenagem:

à memória de meus Pais, que me deram o
exemplo da sua coragem e honestidade;

à minha Companheira e meus Filhos, que suportaram a
adversidade com coragem e identificados comigo;

aos companheiros amigos que lutaram e morreram
com coragem e dedicação aos seus ideais;

às novas gerações que vão assumindo a missão
que sustentámos, como um depoimento.

*Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece,
É a voz d'um coração que te apetece,
D'uma alma livre, só a ti submissa,
Antero de Quental*

Prefácio do autor

As gerações presentes sabem que houve um passado, que certamente teve vida e movimento, mas não é conhecido na sua verdadeira identidade porque ainda continua envolto na densa bruma de um período de obscuridades e desfigurações que eram indispensáveis a um modelo político, hoje com outras adaptações. O que se instituiu como a verdade de um sistema, e chegou até agora, foi o que se disse e escreveu, e a mesa censória determinava ou consentia.

Estão por fazer a história e a análise desse tempo obscurecido e, muito especialmente, as do movimento operário e sindical que o precedeu e caracterizou, da República, que não o compreendeu e o hostilizou, depois a frenagem da história, o corporativismo que imobilizou o país e adormeceu o povo para assumir a missão de jugular a dinâmica progressiva do sindicalismo de raiz e potencial libertário.

A investigação e a análise histórica iniciam agora uma fase de actividade. Alguns trabalhos que começam a aparecer, talvez porque nascem quase simplesmente de pesquisas de investigadores sobre lotes mais ou menos amplos de documentação, um tanto avulsa, sem o auxílio de ensaios de relação, tomam por vezes uma feição um tanto académica, passiva de comentários ou uso de terminologias com outras origens ou significados, como, por exemplo, a de *aristocracias operárias* na significação do *ofício* como aptidão profissional do operário diferente das distâncias tecnológicas de hoje, assim como no juízo de acontecimentos na especificidade de uma época com os modelos políticos e doutrinarismos especiais de significado actual.

Dos mais graves efeitos do vazio do conhecimento e da análise histórica do próximo passado é o seu aproveitamento para cobrir a lacuna com uma *história pré-fabricada*, de conveniência, feita por modelo e medida, uma espécie de *pronto-a-vestir* para servir, por exemplo, a um partido *comunista* sem história para se paramentar de vanguarda e festejar como próprios acontecimentos em que esteve ausente ou até contrariou, para avultar ou apoucar como lhe interessar.

Dispondo sobretudo de recursos económicos aparecem sempre *historiadores* capazes de divulgarem absurdos ou fúteis mentiras, também muito confiados nas devastações que o fascismo, seu homónimo, praticou.

Não é muito habitual entre nós depoimentos memorialistas que deixem testemunhos vívidos ou relatos presenciais que animem e ampliem o limite descritivo dos documentos ou as suas omissões. Vivemos a correr e um tanto descuidados.

A nossa História será ainda uma acumulação de frustrações que costumamos colmatar com a nossa resignação, o nosso humorismo anedótico e o nosso sebastianismo.

Como frustrações nossas contemporâneas temos o liberalismo do século passado, o jacobinismo republicano do princípio deste século¹, o império colonial e, recentemente, a democracia socializante e constitucional depois do 25 de Abril. No intervalo destas frustrações, no período aviltante do sidonismo que maculou a beleza escultórica da República simbolizada nas litografias da sua época, a revolução russa veio acender uma outra esperança, que foi acabando noutra frustração nacional.

Com a escassez da nossa literatura sociológica na nossa convulsão nessa época, essa revolução que entusiasmou o mundo não foi suficientemente analisada nem comentada. Ficaram ignoradas entre nós tantas análises críticas, memórias e testemunhos presenciais, impressões de viagem que lá fora tiveram tanta divulgação e assim não se acompanhou, em audiência aberta, o percurso da revolução russa.

1 Século xx (N. de R.)

O que se soube de significativo, favorável ou crítico, foi no geral por via de edições estrangeiras, só acessíveis a quem conhecia os idiomas ou possibilidades de os conhecerem. É assim que a revolução russa, para o grande público, passou de ofuscante a um simples mito.

O quase imediato crepúsculo que envolveu o nosso país após essa revolução (menos de nove anos), no seu processo de desenvolvimento, isolou-a muito da nossa análise.

Lá longe, esfumada na bruma interior do país, facilmente se tornou mito para muitos, avultando-se na tradição do sebastianismo nacional.

A sonolência forçada e protegida pela espessura das nossas fronteiras políticas e culturais, a distância geográfica da Europa e o nosso fatalismo, ajudados pelo estúpido furor das hostes reaccionárias, acabariam por dar ao mito soviético a carga de confiança num fulgor revolucionário que afinal subverteram. Acabou por tornar-se uma grande esperança de importação.

Assim se poderá explicar a densidade dogmática e o profetismo do PCP em comparação com os partidos comunistas de outros países, a começar pelo espanhol, mais críticos, mais advertidos da gravidade dos grandes problemas da actualidade, que de nenhum modo conseguiram sensibilizar o PCP, tornado um Bandarra² obsoleto.

Este pendor fanático que se adensou na clandestinidade e o dogmatismo que o caracteriza tornou-se tão fechado que persistiu nos núcleos dissidentes que se denominaram MRPP ou PCP(R).

Está muito incompleta a história deste século, pela densidade dos seus acontecimentos e, em especial, a do movimento operário e sindical. Não é minha intenção empreender esse trabalho mas apenas fazer o meu depoimento sobre o que assisti, do que vi e vivi ou dos acontecimentos em que participei e compreendi nesse período

2 Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro de profissão, poeta e alegado profeta, nasceu em 1500. Escreveu as *Trovas do Bandarra*, versos com profecias de cariz messiânico, interpretadas como vaticinando o regresso de D. Sebastião. (N. de R.)

tão crítico, tão impossível de certezas absolutas, tornando-se necessária a coragem das interrogações e a capacidade criativa.

Estes depoimentos, sem pretensões literárias, já não serão para mim nem para a minha geração, no fim da carreira, destinam-se principalmente para a gente nova que, perante a sua missão na actualidade, precisa de vencer os prejuízos de um período de obscurantismo que suportou, os preconceitos e as cadeias de ideias feitas, dos sonhos estupefacientes, das alienações douradas de filosofias em crise e empreender nova jornada na pradaria da liberdade.

Na avaliação da minha experiência, dos acidentes de percurso, do que afinal é o conteúdo da minha vida, nada tenho a rectificar do meu conceito anarquista da vida e da sociedade. Sinto a felicidade de não ter vivido ao acaso, ao sabor do tempo e das circunstâncias, de ter sido de algum modo actor e não espectador.

1.

O mundo da minha infância

(1910-1914)

Nos últimos sessenta anos¹, Lisboa transformou-se profundamente na sua fisionomia, tanto urbana como no estilo de vida das pessoas, especialmente marcado pelas alterações que a guerra de 1914 produziu na sociedade portuguesa e o afluxo de uma população que veio concentrar-se no litoral, em especial na própria cidade, fugindo ao vazio económico e cultural da província.

A cidade tinha outra fisionomia. Os bairros da cidade reflectiam com certa nitidez as divisões sociais da população. Uns de predominância operária, com o seu fervilhar quotidiano, outros, os bairros burgueses ou aristocratizados, com a sua quietude expressa nas fachadas das residências ornadas de cantarias e de janelas fechadas, ou ainda outros em que os diferentes estratos se demarcavam pelos contrastes das habitações, as residências privadas de tipo senhorial ou a habitação de pequenas proporções, em conjuntos característicos, mais ou menos conservados.

Nos bairros operários a rua era o grande palco da vida quotidiana. Parte da família vinha até à rua confraternizar de algum modo, conviver uns com os outros, quer para tomar o fresco das noites calmas ora para falar e discutir os acontecimentos em evidência. As crianças brincavam à vontade, dominando a própria rua.

Faziam-se os festejos sem licença camarária ou policial. A sociedade recreativa descia à rua para fazer os seus folguedos, mas também a política tinha ali os seus cenáculos. Todos se conheciam, todos comunicavam, sabia-se quem era republicano, socialista ou

¹ Com referência a 1974 (N. de R.)

sindicalista, e era na rua que muitas vezes se discutiam os acontecimentos políticos, as greves ou outros casos.

O aglomerado urbano era afeiçoado a este tipo de relações de vizinhança. O casario aglomerava-se, geralmente, em pequenas construções.

As ruas animavam-se com as conversas, com as discussões e às vezes com zaragatas. Podia então não haver acordo, discutia-se com animação mas perdurava sempre o espírito de vizinhança. Em épocas de agitação política ou se qualquer discussão se azedava e a polícia assomava para quebrar a grande audiência da rua, a população tornava-se solidária.

Era frequente haver no bairro a típica figura do *contrapolicia*, que polarizava a hostilidade do bairro na desafronta contra os polícias. Estes tipos, algo quixotescos, popularizavam-se, davam vida e expressão à rebeldia popular indomável e satírica que animava o bairro, tanto nas zaragatas como nos festejos.

Outra das figuras típicas dos bairros era o sapateiro vão de escada, ou trabalhando num recanto da sua habitação e que, na sua pequena bancada e tripeça, consertava o calçado de toda a gente, que tinha de resistir até à última fibra do material em sucessivos concertos de meias-solas, gáspeas ou tombas.

O mestre-sola, popularmente denominado *churneco*, provável corruptela do *shoe-maker* inglês, conhecido de toda a gente na sua intimidade e que às vezes trabalhava até alta noite, ou ao domingo, para safar as *palhetas* àquele que tinha de esperar por não ter outro calçado disponível, tornava-se por vezes figura marcante e com audiência nas iniciativas populares ou na política.

A minúscula oficina do sapateiro transformava-se, aos domingos, em centro de cavaco, com o seu jogo de cartas ou dominó, e em cenáculo político. E muitos desses artesãos foram militantes anarquistas e sindicalistas na sua tradição de artesãos livres, não assalariados, que se tornavam os veículos do sentimento libertário.

Foi típica a figura do Bartolomeu Constantino, o popular sapateiro, brilhante orador e polemista, anarquista inquieto que no tempo da propaganda republicana, na hora dos comícios, arrumava

a ferramenta e aconcorria a polemizar com os vultos da República, objectando-lhes com os problemas que ultrapassavam o programa jacobino do Partido Republicano.

Do mesmo estilo recorde Silva Campos, Manuel Joaquim de Sousa, Jerónimo de Sousa, de Lisboa, Serafim Cardoso Lucena, Felisberto Batista do Porto e outros, noutras terras.

Aos sábados, as mercearias, as drogarias e os barbeiros funcionavam até tarde à luz dos candeeiros de petróleo ou de bicos de gás. Era à noite que as mulheres iam fazer os avios depois de os companheiros virem, já noite, com a fêria que era recebida depois de terminado o trabalho e enquanto eles iam ao barbeiro fazer a barba de uma semana.

O domingo, se não havia outro trabalho, era o precário dia de descanso. Trabalhava-se diariamente 10 e mais horas. O descanso semanal começava a estar fixado e assegurado.

O operário, ao domingo, jogava o chinquillo e fazia a sua cavaqueira. Outros pairavam pela taberna e outros ainda dedicavam-se à vida associativa.

O traje mais vulgar era o fato de ganga domingueiro que, no resto, com o uso, passava depois a fato de trabalho. Os homens de ofício trajavam fatos de fazenda e chapéu mole ou de coco, este mais comum a certas profissões como os tabaqueiros, os tipógrafos e outros.

Em alguns bairros destacava-se a predominância de certas profissões ou actividades. No meu bairro, entre a Graça e Santa Apolónia, predominavam tanto os tabaqueiros e tabaqueiras como os arsenalistas. Na Esperança e Alfama era a gente das fainas marítimas e as varinas. Na Ajuda, Alcântara e Belém, eram os metalúrgicos, a construção civil e os corticeiros, no Beato e Olivais, os tanoeiros, os corticeiros e os metalúrgicos.

Nas indústrias, predominavam as pequenas oficinas, destacando-se apenas os estaleiros da Rocha de Conde de Óbidos, os Arsenalistas, a União Fabril ou a moagem. De maior importância e de concentração operária eram as indústrias manufactureiras como as dos tabacos e a dos têxteis.

As condições de trabalho eram ainda duras, as condições higiénicas das oficinas muito precárias e insalubres. No pequeno escritório

improvisado, o patrão vigiava, conhecendo toda a prática habitual do trabalho.

Era impressionante o flagelo da tuberculose nas classes trabalhadoras, do desgraçado que vomitava os pulmões aos poucos em expectorações sanguíneas, e que tinha de trabalhar até se extinguir. Em grande parte isso devia-se às péssimas condições de salubridade das fábricas e oficinas e, depois, ao contágio fácil.

A mulher participava apenas nas indústrias manufactureiras dos tabacos ou têxteis, no vestuário e no calçado. A aprendizagem do ofício, recurso desejado para futuro, constituía um longo martírio para os aprendizes porque tinham de ajudar com árduos esforços, carregar materiais, levar obras e até fazer as limpezas.

Não havia ainda os grandes espectáculos de massas como o futebol, aglutinantes de multidões emocionadas e exacerbadas, nem as massificações condicionadas pelos *mass media*, como a rádio e a televisão. Por isso, os comícios políticos tinham especial concorrência.

Aos domingos, nos dias soalheiros, havia a oportunidade do passeio às *hortas* nas cercanias da cidade, como o Campo Grande, o Areiro, Chelas ou Benfica, transportando o farnel e o garraão para fruir o ambiente campestre, numa excepção ao quotidiano habitual.

Os bairros dispunham ainda, como criação popular, as suas sociedades recreativas, a banda musical ou grupo de amadores dramáticos e até a cooperativa familiar de abastecimento mantidas com especial dedicação de activismo militante, criadas por sua iniciativa, livres, sem conotações políticas ou oficiais.

Habitualmente, nos seus dias festivos, as bandas musicais faziam a sua digressão pelo bairro, tocando o seu reportório e alegrando toda a gente que acorria para participar.

Pelo Carnaval, festa ruidosa e válvula de descarga de um longo ano de fadigas, de trabalho sem férias mas sem massificação, as ruas animavam-se de colorido e por vezes de crítica dos costumes. Tinham particular relevo e atractivo as cegadas, pequenas representações ao ar livre, na forma de descantes no estilo do fado, que percorriam as ruas repetindo o seu acto dramático e fazendo o seu peditório.

Estas cegadas, de simples descante sobre tradições populares, com maior ou menor sabor satírico, foram assumindo formas mais elaboradas, por vezes com cenários. Depois do acto, os intérpretes carregavam com eles às costas, tornaram-se até um espectáculo político e de crítica social, grande elemento de propaganda doutrinária e de apresentação do conflito social em acessíveis formas teatrais.

Também as associações de classe, implantadas nos bairros em que essas classes predominavam, viviam a vida da população. As associações mutualistas cobriam, com a sua modesta mas eficiente assistência médica e auxílio na doença, grande parte de população operária, pequena é certo, mas fruto do esforço próprio e da sua determinação, pois ainda não se habituara à emoliente protecção do Estado, ao *caldo das secretarias*, nem se tornara o cidadão de aviário, jactancioso, olhando para o relógio da história com o seu boletim de voto pronto para acelerar a profecia marxista de *a conquista do poder político pela classe trabalhadora*.

No meu bairro tinham especial relevo a Caixa Económica Operária, a Sociedade A Voz do Operário, o Grémio Excursionista Civil do Monte, resposta laica aos círios religiosos e a banda musical do Comando Geral de Artilharia, antiga instituição do pessoal da velha fundição de canhões do Campo de Santa Clara, hoje colectividades apagadas ou extintas numa cidade que se modificou.

Foi neste ambiente cidadão que nasci, a 4 de Julho de 1906.

Subira ao poder João Franco, sucessor do cabralismo e continuador dos governos de ditadura em regime parlamentar. Cerca de dois anos depois dava-se o regicídio e já decorrerá o latrocínio da deportação de elementos políticos para Timor a coberto da célebre lei de 13 de Fevereiro, a chamada lei contra os anarquistas.

Tinha quatro anos de idade. Numa noite de inquietação em casa, meu Pai ainda não chegara. Havia revolução.

5 de Outubro de 1910, verificava-se um desusado movimento na rua, da janela de casa assisti ao espectáculo insólito de ver passar sob prisão, escoltados por civis armados, os polícias da esquadra próxima.

Neste pequeno palco do meu bairro, rumorejante de vida citadina pelas características da sua população operária variada nas suas actividades, a minha infância começava a ser impressionada pelos acontecimentos da época, alguns presenciados, outros que surgiam das conversas e narrativas dos adultos que fervilhavam no pequeno mas muito vivo cenáculo que era a casa de minha Tia paterna, que tão profundas recordações deixaram na minha imaginação.

Ao domingo de manhã abria-se a porta da escada, que ficava todo o dia encostada. Vinha família, vinham amigos e vizinhos. Uns iam, outros chegavam e falava-se de tudo mas com grande predominância dos assuntos políticos e sociais. Petiscava-se, cantava-se no quintal e as conversas abordavam as questões sindicais, as posições dos socialistas e dos sindicalistas, os debates na *Voz do Operário* e na Caixa Económica, mas sempre num ambiente de entusiasmo e de cordialidade.

Sucederam-se acontecimentos que muito impressionaram a minha curiosidade de criança. A proclamação da República, os festejos do seu primeiro aniversário, o assalto à Casa Sindical pelas forças armadas, as incursões monárquicas do Paiva Couceiro e a bomba do Carmo nos festejos camonianos.

A minha curiosidade, e talvez a minha receptividade, seriam impressionadas pelos reflexos dos acontecimentos no meio familiar e nos ambientes em que vivi e, de tal modo se fixaram em mim que, nestas circunstâncias, a minha vida futura determinou-se numa participação activa no movimento das ideias e das aspirações populares.

No dia em que foi proclamada a República, em casa de minha Tia havia um movimento de entusiasmo. Entrava e saía gente comentando os sucessos dos últimos dias. Depois, todos abalaram para assistir à proclamação.

O primeiro aniversário da República foi festejado com grande entusiasmo popular nas ruas engalanadas, bandas de música e foguetes numa vibração colectiva que me atraiu, embora não alcançasse o seu significado. Avivavam-me a imaginação as litografias que se tinham vulgarizado, que se viam por toda a parte, a cena da procla-

mação, o acampamento da Rotunda e as figuras romantizadas dos vultos republicanos.

Por essa altura nasceu o meu Irmão mais novo. Juntou-se em casa a família, que comentou os acontecimentos, e os que chegavam traziam mais notícias. Havia a greve geral de solidariedade com os rurais de Évora, de protesto contra o encerramento da sua associação e as represálias violentas da GNR. E por isso também fora cercada a Casa Sindical, a novel central operária sindicalista, instalada no palácio do Marquês de Pombal, na Rua do Século, e tinham sido presos centenas de trabalhadores que lá se encontravam.

O afilhado de minha Tia, o José Bacalhau, militante anarquista, também fora preso na Casa Sindical e levado para bordo de um barco de guerra, o *Pêro de Alenquer*.

Alguns dias depois foi libertado e voltou a casa. Chegaram família e amigos, que vieram abraçá-lo com alegria, espectáculo que também me contagiou.

Falava-se das incursões monárquicas e a figura do Paiva Couceiro, o chefe militar dessas incursões, com o seu bigode militar e autoritário, era caricaturada por toda a parte e despertava em mim um sentimento de hostilidade.

Havia muito falatório na rua. Rebentara uma bomba no cortejo camoniano organizado pelos republicanos. Na retaguarda do cortejo tinham-se incorporado trabalhadores desempregados que manifestavam o seu protesto. Estoirou uma bomba. O governo e a polícia, como é habitual, atribuíram o caso à responsabilidade dos *sindicalistas*, como pretexto para a repressão da oposição sindical operária.

Foram presos, entre outros, Alexandre Vieira, militante sindicalista, Pinto Quartin, jornalista anarquista e o meu Tio Agostinho de Carvalho, militante socialista, que foram todos *estagiar* para a cadeia do Limoeiro.

Num domingo fomos visitar o meu Tio. Vestindo orgulhosamente o meu *fato à maruja*, como era vulgar e capricho da época, a minha curiosidade despertava por conhecer aqueles homens de quem tanto se falava com admiração, de quem mais

tarde fui amigo e me dispensavam uma especial simpatia e acolhimento porque, por essa altura, fui uma espécie de benjamim entre os militantes sindicalistas e anarquistas das gerações anteriores.

2.

As marcas da minha adolescência (1914-1919)

A Escola

Minha Mãe teve um cuidado especial com a educação e a saúde dos filhos. Logo que completávamos seis meses de idade inscrevia-nos na associação de socorros mútuos para a assistência médica e, na idade escolar, levava-nos para a escola primária, a única que meus pais nos podiam assegurar com os seus sacrifícios. Quer chovesse quer fizesse sol, desde que não estivéssemos doentes, tínhamos de ir para a escola.

Matriculou-me numa escola da Confederação Metalúrgica, organização sindical dos metalúrgicos a que meu Pai pertencia, por ser filiado na Associação de Classe dos Operários Serralheiros.

A escola estava instalada num primeiro andar na Rua Infante D. Henrique, a S. Tomé, num prédio que ficava na entrada da Rua dos Cegos, hoje desaparecido. Era um casarão sem grande atractivo, sendo o recreio praticado num quintal, estreito mas comprido, sem ornamento vegetal.

Levava o meu almoço no cabazinho de vime e era a minha Mãe que ia levar-me e buscar-me.

Esta nova vivência não despertou logo em mim grande entusiasmo.

Na sala de aula havia na parede uma moldura com a figura, um tanto simpática, de Francisco Ferrer. À tarde, no intervalo do recreio, cantávamos o hino da Escola Moderna, na música de «A Internacional» e de cuja letra apenas recordo os primeiros versos:

*Oh Pais que amais as criancinhas
Com amor idolatrado,
Olhai o voo das avezinhas, etc., etc.*

A professora também cantava connosco e às vezes aparecia um homen-zarrão, figura imponente e cativante, que também cantava connosco. Era o Júlio de Matos, militante sindicalista, com quem mais tarde vim a conviver no Sindicato Único das Classes Metalúrgicas, na Rua da Esperança, onde me filiei aos 14 anos quando fui aprender o ofício de carpinteiro de moldes na casa Street, na Rua do Poço dos Negros.

Aquela figura do Ferrer, que depois nos explicaram quem era, porque fora fuzilado em Barcelona por ser mestre fundador da Escola Moderna, povoou a minha imaginação, de um sentimento de simpatia e de desgosto.

Passava já dos meus sessenta anos quando estive em Barcelona e visitei Montjuich, onde Ferrer foi fuzilado. Recordei toda aquela emoção de criança e pareceu-me ver a marcha sinistra para o local do assassinio perpetrado pelo terrorismo legal do Estado.

Ignoro como a minha Mãe soubera da existência da Escola-Oficina n.º 1, instalada no Largo da Graça, num edifício fronteiro ao quartel e porque a preferiu, levando-me a matricular.

Aos primeiros contactos fiquei radiante. A escola era ampla, em dois pisos, com várias salas de aula, uma cerca de recreio ajardinada e um pavilhão de ginástica.

Funcionava de modo diferente. Não havia carteiras, nem a mesa do professor com estrado. Cada sala de aula tinha uma mesa grande com cadeiras, todas iguais, à volta da qual, em regime de coeducação, se sentavam alunos, alunas e professor, sem lugares reservados, leccionando-se em perfeito convívio. Acabada a aula os alunos, rapazes e raparigas, saíam para passarem a outra aula conforme o horário que todos conheciam, mediando um pouco de tempo para cada um ir ao seu armário munir-se do material didáctico de que necessitava para a aula a seguir.

Além das aulas teóricas e práticas, todos passavam pelas oficinas, onde se exercitavam especialmente na aptidão do domínio dos

materiais e na criação de utilidades. Rapazes e raparigas frequentavam do mesmo modo a marcenaria, a talha em madeira, a latoaria, a cerâmica de barro, estofos e costura. Havia também aulas de canto coral, música e bailado e, de manhã, ginástica. O teatro escolar era participado pelos alunos e ensaiado para as festas escolares, tratando habitualmente cenas da vida escolar com um sentido crítico e analítico.

Dentro da escola, alunos e professores, trajavam de igual modo. Uma bata branca. A associação escolar, A Solidária, mantinha o refeitório onde almoçavam conjuntamente discentes e docentes, de cuja gestão também participavam os alunos.

A escola era mantida por uma Sociedade Promotora de Escolas, constituída por sócios de grande diversidade, mas foi da iniciativa de um grupo de professores anarquistas e liberais que lutavam por uma renovação pedagógica que teve grande projecção, sendo mais tarde muito condicionada, até quase à asfixia, pelo salazarismo.

A sua composição associativa provinha tanto de uma classe média liberal, da classe mercantil e de pequenos empresários artesanais, assim como das camadas activas e militantes dos trabalhadores.

Os alunos provinham, também, desses estratos sociais, origens que se apagavam dentro da escola, no convívio e nos cursos sem diferenciações ou elitismos. Dos meus colegas, como exemplo, recordo o Ciro, a Fantina e a Ondina, filhos do pensador anarquista formado em direito Neno Vasco, o Francisco e o Manuel Mendes, o Adelino Nunes e o Leopoldo de Almeida, filhos de uma classe média mercantil e artesanal, o Francisco Viana e a Sofia Santos, o primeiro da família do Rozendo José Viana e, a segunda, filha do João Pedro dos Santos, ambos militantes sindicalistas.

Recordo como professores Adolfo Lima, César Porto, António Lima e a D. Deolinda Lopes Vieira, companheira de Pinto Martin, com os quais mais tarde vim a conviver no círculo das ideias libertárias.

Devo imenso da minha formação a essa Escola.¹

¹ Para melhor conhecimento, consultar a revista *Pedagogia Sociológica*, vol. 1, Porto, 1936, Livraria Escolar Progredior pp. 364-387.

A Guerra de 1914

A República, que foi implantada em Lisboa mas que, na romântica recomendação de António José de Almeida, apenas foi telefonada para a província, agitou certamente os grandes meios urbanos desencadeando grande emoção colectiva. Depois, a breve trecho, dissipado o vago idealismo republicano e o ardor carbonário, a República, sem capacidade de realização e sem ideias concretas sobre os profundos problemas nacionais e sociais, esgotou depressa o leve perfume das esperanças que acendera.

Mas o desencanto que ocasionara, de modo diferente do que acontece nos tempos que vão decorrendo, não amorteceu as energias populares, antes as activou. Os trabalhadores já identificados nos seus diversos movimentos associativos e reivindicativos acentuaram em formas mais concretas e evoluídas a autonomia do sindicalismo, liberto do fascínio político partidário e eleitoralista.

Desfeita a esperança e a promessa, quando os trabalhadores retomam e ampliam a sua missão e decidem as suas lutas, o radicalismo republicano e carbonário, cioso do novo poder político em que se instalara, quase do mesmo modo que o Partido Comunista antes do 25 de Novembro, vem à rua esconjurar as greves, mobilizando a burguesia empresarial contra os trabalhadores que, afinal, apenas reclamavam os seus direitos desatendidos.

Nos períodos críticos que sobrevieram voltaram aos assomos radicais, nas tentativas revolucionárias do 27 de Abril de 1913 e no 14 de Maio de 1914.

O jacobinismo tentou, em vão, criar uma confiança popular num patriotismo obsoleto, numa fé messiânica nas *virtudes guerreiras* ao serviço e para defesa das instituições republicanas. Para o efeito, chegou a criar um corpo paramilitar para a juventude, como mais tarde seria uma criação dos regimes fascistas, que se denominava *Instrução Militar Preparatória* e que obrigava todos os jovens, a partir dos 18 anos, a incorporarem-se nesse serviço chamado cívico, com a obrigação de, aos domingos de manhã, com fardamento próprio ou à paisana, receberem instrução militar nos quartéis da área da sua residência.

A juventude operária, especialmente, que tinha apenas o precário dia de domingo como descanso e também solicitada pela contestação social, repudiava a instituição e furtava-se quando podia, o que levou ao fracasso da instituição.

Os problemas da vida quotidiana das pessoas tomavam nova dimensão e estas, apercebendo-se de que alguma coisa ia mudando, eram solicitadas a decidirem do seu próprio destino, ampliando os seus horizontes sociais. Sentiam-se, principalmente, responsáveis dos seus próprios destinos.

Todos os problemas da condição operária assumiam outras proporções, ultrapassando o restrito espaço da oficina ou da fábrica para se projectarem nas próprias formas da sociedade.

As mulheres, as omissas escravas do lar, carregando com o serviço da casa e dos filhos, iam assumindo uma presença e actos de abnegação e de sacrifício nas greves operárias em que, por inerência, começavam a participar.

De algum modo, nascia uma nova época e mais agitada. Os meios operários movimentavam-se com a sua própria dinâmica, com as suas próprias ideias sociais, que se popularizavam.

Os problemas políticos e sociais vulgarizavam-se. As pessoas falavam mais dos problemas quotidianos e as figuras da política eram comentadas numa linguagem viva, mesmo com acritude.

Os crentes da política eram designados vulgarmente por *apodos*, derivados dos nomes dos vultos que apoiavam ou de outros que se consagravam, como *afonsistas* e *almeidistas*, ou *talassas* se eram saudosos da monarquia, mas eram acentuados com certa carga depreciativa. *A formiga-branca*, a polícia política, era referida com hostilidade.

A Europa convulsionada avolumava o clima de apreensões e movimentação colectiva que se acentuava desde o final do século.

Agora havia uma maior inquietação das pessoas. Falava-se bastante da ameaça de uma guerra e um dia a notícia ecoou, aumentando a perturbação: Rebentou a guerra!

Estávamos em Agosto de 1914. Completara eu oito anos de idade.

A guerra passou a dominar as conversas das pessoas e a condicioná-las em absoluto.

As mobilizações militares, primeiro para África, depois para França, trouxeram a guerra para as nossas casas e levaram familiares. Os jornais encheram-se de noticiários e comentários políticos, apelando ao patriotismo e à *nossa missão civilizadora no ultramar*, temas que não encontraram acolhimento nas camadas populares. A batalha de Verdun tomou as proporções de um apocalipse. Falava-se da guerra com hostilidade. Tornara-se uma fatalidade com que passáramos a viver diariamente.

Das janelas da escola vi partir contingentes militares que saíam do antigo quartel de Infantaria 5, na Graça, e o espectáculo humano das despedidas impressionava-me. Era ainda cedo para os interpretar no seu cruel realismo.

Outros factos mais concretos inseriram-se na vida despreocupada de garoto. Começavam a faltar os géneros, os artigos essenciais e os nossos hábitos começaram a alterar-se. O petróleo, que era então o meio mais usado de iluminação na maioria dos lares, escasseava.

A cidade que era iluminada a candeeiros de gás porque faltava também o carvão que o produzia, ao anoitecer mergulhava numa semiobscuridade, apenas pontilhada pela luz mortiça dos pequenos candeeiros de petróleo que substituíam o gás. Quando caía a noite entreteinha-me na janela a ver os vultos negros, como duendes, que passavam na rua no regresso do trabalho, ou o percurso sinuoso do *caga-lume* (designação popular do encarregado da iluminação pública que vinha acender os candeeiros ao anoitecer) que aparecia no cimo da rua, com o seu fogacho, para acender os raros candeeiros da iluminação.

Para se alcançar o pão, o carvão, o petróleo e todos os géneros essenciais, que rareavam quase por absoluto, às portas dos estabelecimentos formavam-se bichas. Muitas começavam a formar-se de madrugada, com o inevitável desencadear de conflitos.

Era vulgar verem-se bandos de mulheres, de crianças e homens acompanharem, açodados atrás das carroças em que se descortinara transportarem artigos que faltavam no mercado, até descobrirem qual era o seu destino. Às vezes eram correrias frustradas. Ou então passava-se palavra dalgum sítio onde estivesse bicha para o efeito.

A vida quotidiana das pessoas sofreu profunda alteração. Começou-se a viver o clima de guerra.

Na Escola habituámo-nos a ver no mapa da Europa a posição das frentes e as nações envolvidas na guerra, todos com mais ou menos interesse, na curiosidade de garotos pelo acontecimento dominante. A simpatia dirigia-se sobretudo para a França invadida, trazendo nós para a Escola as respectivas versões familiares.

No recreio brincávamos às *Nações*, uma forma de jogo da barra, em que cada um tomava o nome de uma das nações beligerantes e quase ninguém queria ser, voluntariamente, a Alemanha, a Áustria ou a Turquia mas, em contrapartida, dava-se muitas vezes preferência ao Montenegro e à Sérvia.

Os professores procuravam pacientemente e sem autoritarismos desvanecer este interesse guerreiro e aliadófilo, mas nós, garotos, éramos, de algum modo, atraídos pelos efeitos do conflito.

Em casa, à ceia, como então se chamava a refeição da noite, acompanhava a leitura do jornal e o noticiário da guerra e era eu que explicava as posições das frentes, que já sabia de cor e que todos os dias revíamos no mapa da Europa.

A escassez do essencial, a especulação, a subida vertiginosa dos preços tornaram a vida operária, então um tanto modesta e limitada ao nível de necessidades essenciais, mais crítica e penosa. Desencadeou-se o surto de greves salariais nas indústrias, de redução do horário de trabalho, assumindo por vezes grande intensidade e proporções. O descontentamento e o protesto popular cresciam também contra a mobilização militar e a política republicana, defendendo a participação de Portugal na guerra que já nos devorava.

A situação tornava-se cada vez mais penosa, que eu experimentei de modo especial porque era, na família, quem suportava principalmente o calvário das bichas para alcançar os escassos géneros que se podiam obter.

Porque os meus Irmãos mais velhos tinham de ir trabalhar, calhava-me, naturalmente, ter de ser o suporte auxiliar de minha Mãe, nos seus tormentos de prover o lar do que escasseava no mercado.

Nestas circunstâncias vivia de perto os porfiados esforços de minha Mãe na contingência e partilhava da sua indignação contra a política oficial, contra a acção da força pública sobre os grevistas ou a população em protesto, a acção da polícia que, no tormento das bichas, favorecia impunemente apaniguados e comerciantes nas suas falcatruas. E era ela que mostrava mais ânimo para que não se fraquejasse, que a luta não fosse traída, ela que nascera em lar abastado mas cedo conheceu a adversidade.

A agitação crescia e as bichas estendiam-se por toda a parte. Uma tarde, no final de Janeiro de 1916, irromperam motins pela cidade, confrontando a força pública, de protesto contra a falta de géneros e os preços especulativos da *candonga* — como então se chamava ao mercado negro — e denunciou-se que muitos armazéns estavam abarrotados de produtos sonogados.

O governo do Partido Democrático, já muito impopular, perante a extensão da agitação, mandou recolher as forças policiais. Começaram os assaltos às mercearias, armazéns e padarias, revelando-se o volume dos produtos sonogados.

Durante a noite, na cidade quase às escuras, o bulício da multidão exasperada na rua e o barulho das portas dos estabelecimentos que eram arrombadas puseram toda a gente em alvoroço. Os vizinhos que não tinham ido para a rua nem se associaram aos tumultos, pelas janelas, comentavam os acontecimentos segundo o interesse que lhes mereciam no ambiente agitado em que se vivia. Por vezes, ouviam-se gargalhadas quando surgiam nas sombras da noite vultos grotescos, carregando os produtos dos assaltos, semelhantes a uma marcha de duendes.

Os grandes armazéns abastecedores situavam-se, em grande parte, na área de Xabregas ao Poço do Bispo. Muita gente correu para lá e começaram os assaltos a esses redutos do açambarcamento. A depredação foi enorme. Mais negros foram os dias que se seguiram.

As classes mercantis, armazenistas e retalhistas, muito responsáveis pela escassez provocada em grande parte pela voragem do açambarcamento, eram muito afectas ao partido democrático,

o PRP. A reacção popular polarizou-se, simultaneamente, contra o comércio e o partido que estava no poder.

Consumava-se definitivamente a ruptura, já iniciada com a greve geral de 1912, entre a república da burguesia jacobina e os trabalhadores que, já com forte expressão social e na fase da sua afirmação, tinham sido uma importante força combatente para a implantação do regime, em 5 de Outubro de 1910.

Todavia, os operários, como força social e política, ainda voltariam a acorrer em defesa do regime republicano contra as hostes reaccionárias nas jornadas de Monsanto, em 1919.

As velhas litografias, com a cena da proclamação da República e das suas figuras políticas, que tanto se tinham divulgado, já de há muito tinham começado a desaparecer dos lares operários.

A classe média, sem notável expressão política, acomodara-se em parte pelos diversos partidos rivais. Só mais tarde, com a evolução das técnicas de produção e da burocracia oficial, vieram assumir alguma influência e, muito principalmente, a diluir a forte e inconfundível expressão que as classes operárias tiveram exactamente na sua acção sindicalista.

À sombra da guerra, muitos negócios especulativos ou de improviso desenvolveram-se e prosperaram e, nesta sociedade conturbada, cresceram novos factores de conflito numa estrutura que começava a estoirar. A fauna do *novo-rico*, o protótipo do enriquecer fácil nas situações dramáticas, com a sua notória arrogância e camada de estupidez, uma burguesia interessada nos negócios fáceis e na política mas sem capacidade de empreendimento e uma nova burocracia a enxamear as repartições do Estado, os *Comissariados dos Abastecimentos* que digeriam os escândalos do açambarcamento e da especulação, tornaram o país mais contraditório e em crise.

A província, amortecida na sua rotina, que forneceu carne para canhão e ouvia ao longe o conflito da cidade dominadora, começou a expelir a corrente migratória que buscava o trabalho industrial, pelo menos mais remunerador que o cultivo da leiva.

A cidade começava a crescer e formaram-se novos bairros para vários estratos do crescimento populacional, mais ou menos

periféricos, dissemelhantes da cidade antiga e as Avenidas Novas, de imitação parisiense, abrigavam as novas classes endinheiradas ou os latifundiários que deixaram as herdades ao cuidado de feitores ou rendeiros para usufruir do estilo de vida citadino e estarem mais próximos da política.

É a época do *gaioleiro*, o aventureiro da construção que, por vezes, espalhou a morte e o assombro.

Começava o ciclo da cidade tumultuosa e desordenada, o grande conflito da nossa época. A população tornou-se mais fluida e os hábitos foram sacudidos pelas necessidades prementes do quotidiano.

As mulheres foram chamadas a ocupar funções que até então lhes eram inacessíveis e a vida familiar começou a transformar-se. As raparigas, para quem se reservava o fardo do lar e eram até dispensadas de ir à escola, sem liberdade de movimentos, acabaram por assumir uma nova categoria.

Começava uma nova era com novos e mais densos problemas.

A Revolução Russa e o clima nacional

Novembro de 1917. Revolução na Rússia. Os jornais deram vagas notícias, sobretudo alarmantes, principalmente quando se rompeu a frente oriental.

A imprensa começou a falar de uma revolução social e de *bolchevistas*, termo desconhecido do público, a quem atribuíram grandes calamidades, como a morte da família imperial. E a guerra, a grande catástrofe, tomava novas proporções.

Ao jantar, a família reunia-se na pequena cozinha para tomar a refeição e falava-se sempre dos acontecimentos que preocupavam toda a gente. Um dia, minha Mãe perguntou ao meu Pai o que era a revolução na Rússia e o que poderia acontecer. Com a simplicidade da sua linguagem de trabalhador não erudito deu a sua resposta: — *É a revolução dos operários!*

Comecei a compreender o que eram as desigualdades sociais nos comentários de minha Mãe sobre a fragilidade dos convencio-

nalismos e da sua experiência da vida. Filha de uma família da pequena burguesia mercantil, muito nova viu desabar a casa próspera com a morte do meu Avô e, atravessando transes angustiosos, foi criada da sua criada e operária fabril. Meu Pai, igualmente filho de um abastado comerciante, foi criado longe dele por uma irmã que apenas vivia do seu salário. Com que serenidade e espírito crítico minha Mãe enfrentava a vida, com que veemência ela condenava as injustiças sociais e se orgulhava de ser independente, pois até na fábrica onde trabalhou decidiu, voluntariamente, fazer parte da comissão organizadora da associação de classe, exactamente porque o encarregado queria impedir as mulheres de aderirem.

Aquela revolução dos operários, de tão singela explicação, que ainda não tinha formas e mal seria ainda um simples postulado, nascia de súbito como uma premonição.

Começava a adivinhar que havia uma outra face da vida, ainda oculta, que agitava as pessoas, que gerava os conflitos e revolvia o mundo, que me espreitava por detrás das caricaturas humorísticas do Bordalo Pinheiro que ainda ornavam as paredes do quartito de trabalho e sala de entrada do António «Sapateiro», sempre aberto a fregueses e amigos, onde ao domingo se jogava ao dominó e se discutia política.

Ao noticiário da guerra sobrepunha-se agora o meu interesse pelo noticiário do que ocorria na Rússia. Havia uma revolução, os soldados abandonavam as frentes de batalha, não havia mais nada de concreto.

A imprensa atacava a revolução. Em minha casa lia-se *O Século*, ainda com a desbotada auréola republicana e as suas notícias eram sempre desfavoráveis. Uma avalanche de barbaridades. Mas, para mim, a revolução era um facto novo, com analogia com tudo aquilo a que me acostumara a ouvir nas conversas dos adultos do nosso convívio.

Os jornais falavam também de um *bandido* de nome Makhno que infestava a Ucrânia, levantava os camponeses e atacava os alemães. Esta figura lendária tomava para mim uma dimensão e uma imagem concreta da própria revolução.

Não era fácil, no começo da minha adolescência, em que todas as contradições são possíveis, relacionar todos os factos, coordenar ideias e chegar a conclusões, mas tudo isto viria a influir inteiramente na minha formação moral e mental. A definição não tardaria.

5 de Dezembro de 1917². Houve muita agitação e havia mais tropas mobilizadas para embarcarem para França.

A minha mãe foi buscar-me à escola, com o pretexto de irmos comprar calçado. Estranhei, porque essas compras só eram feitas depois de muitos cálculos e previsões.

Fomos para a Baixa buscar a minha Irmã ao *atelier* de costura onde trabalhava e, já no regresso, ao chegarmos à Praça da Figueira, ouviu-se uma forte detonação de artilharia. As pessoas começaram a correr em diversas direcções e minha Mãe, correndo também conosco, explicou-nos: — *Rebentou a revolução*.

Horas antes soubera por um irmão de um nosso vizinho que nessa tarde eclodiria um movimento revolucionário e aquela detonação era a declaração de guerra das forças revoltadas. Era a revolução chefiada por Sidónio Pais. Estávamos no final do ano de 1917.

A agitação popular era intensa. A guerra, com todas as suas consequências, as lutas económicas dos trabalhadores, a enorme escassez do essencial e a impopularidade do governo democrático do PRP (Partido Republicano Português), que fizera do sindicalismo o alvo do seu furor, formavam esse clima carregado de apreensões e dificuldades. E, sobretudo, a guerra.

A sedição encontrava de qualquer modo um acolhimento popular e não tardou que começassem novos assaltos a padarias, mercearias e armazéns.

Os chefes do movimento (Machado dos Santos, Feliciano Costa e Sidónio Pais) anunciaram que não iriam novos contingentes para a guerra e os regimentos que nela entravam eram exactamente os que estavam para embarcar para França, Infantaria 33, Cavalaria 7, Artilharia 8 e outras forças, assim como os cadetes da Escola de Guerra.

² Foi o início da revolução chefiada por Sidónio Pais, tendo os revoltosos erguido barricadas no Parque Eduardo VII. (*N. de R.*)

Era natural que, num momento tão dramático, tão carregado de hostilidade ao governo e ao partido que o constituía, a sedição militar obtivesse, como o 5 de Outubro, apoio popular e que, na circunstância, chegasse a ter a participação de alguns elementos operários, como o Sebastião Eugénio, militante da classe corticeira, e o João «Corticeiro» da mesma classe, como era conhecido, movidos em grande parte por animosidade ao partido de Afonso Costa, já consagrado pelo epíteto de *racha-sindicalistas* devido ao seu furor contra o movimento sindical. Mas também, certamente, pelo seu comportamento posterior, de um certo fascínio pela política partidária.

Sebastião Eugénio, espírito mais burocrata, refugiou-se depois no funcionalismo público, enquanto João «Corticeiro», espírito truculento e amoral, serviu na polícia política sidonista e, posteriormente na PVDE, ao serviço da polícia marítima.

Como uma esperança fugaz que surge na densa calamidade da época, Sidónio Pais tornar-se-ia uma figura popular, que aparecia em toda a parte, descendo do automóvel e misturando-se com a multidão, com certa afabilidade, como fora antes costume de raros políticos republicanos.

Mas esse fascínio popular, gerado em especiais circunstâncias, não derivava do cortejo das *damas filantrópicas* que distribuíam vestidos de chita às crianças pobres nos adros das igrejas ou que patrocinavam a *Sopa dos Pobres*, ridícula instituição instalada em barracões de madeira, montados em alguns lugares públicos, para distribuírem o *caldo dos conventos*, porque o *caldo das repartições*, como dizia Oliveira Martins, reservava-se para o bando dos novos apaniguados. Era o eterno aliciante da caridade oficial e eclesiástica, tradicional numa sociedade em que a esmola é uma instituição.

Tudo isso não obstava a que os meios operários se mantivessem reivindicativos e o movimento sindical, agrupado na União Operária Nacional (UON), mantivesse a mesma firmeza revolucionária. Por isso mesmo, uma polícia política, os *lacraus*, substituía a anterior, a *formiga-branca* e, do mesmo modo, fazia sentir os seus efeitos coercivos, originando o repúdio popular.

Se fora efémera a esperança de alívio e pesava cada vez mais o desequilíbrio das condições de vida da população, se continuavam em França e na África muitos soldados entregues às fatalidades da guerra, pesava muito não terem partido outros para o mesmo destino.

No círculo das relações familiares, as conversas incidiam principalmente sobre estes problemas, com relevo para a acção sindicalista da UON, muito influente nos meios operários.

A guerra era cada vez mais o grande pesadelo e, sem ter atingido a auréola de *luta pela liberdade dos povos*, como os republicanos a quiseram figurar, mostrava-se então na cruel realidade das calamidades sociais. Era efectivamente o espectro da fome, o desequilíbrio das condições de vida da população, a crise geral, a imagem dos que tinham partido para a guerra e lá morreram, ou ainda a ideia dos que ainda podiam partir com um incerto destino.

Na escola já não havia o entusiasmo inicial em conhecer o percurso da guerra. Os seus reflexos na vida familiar arrefeciam-nos, mas tocavam-nos então os dissídios políticos da cena nacional, veiculados pela diversidade dos estratos sociais donde provínhamos.

Quando regressámos às aulas, depois de terminada a revolução sidonista e o clima de agitação proveniente dos assaltos aos estabelecimentos, eu, com a irreverência dos garotos, filho de uma família operária já vinculada ao movimento sindical, descrente da República, dirigi remoques ao meu colega de turma, Manuel Mendes³, filho do proprietário de mercearias assaltadas e conhecido no bairro por ser adepto do partido afonsista e pelo apodo de o *Formiga*⁴. Tivemos de brigar. Outrotanto ocorrera com o Adelino Nunes⁵, também filho de importante retalhista de mercearia, mas,

3 Manuel Mendes, escritor e activo militante da oposição anti-salazarista, foi um dos meus colegas de Escola. Destacou-se numa geração combativa e inconformista, embora cada um de nós tivesse trilhado percursos políticos diferentes, mantivemos sempre a amizade.

4 Designação popular dos adeptos de Afonso Costa em derivação do termo «formiga-branca» por que era conhecida a policia política do regime de então.

5 Adelino Nunes, arquitecto e opositor ao salazarismo, que morreu novo, foi o autor do projecto do edifício dos CTT da Praça Duque de Terceira.

por ser mais bonacheirão, na sua figura de gorducho, não se melindrou tanto com a brincadeira.

A situação continuava extremamente difícil. Tudo escasseava e o pão, fundamental na alimentação popular, além de escassear quase em absoluto, quando aparecia, era uma broa horrível a que o povo chamava a *broa do Sidónio*. Continuavam as bichas intermináveis e os conflitos que se geravam eram nas corridas e nas marchas das pessoas, principalmente mulheres e crianças, atrás das carroças em que se descortinava ou se desconfiava de transportarem géneros em falta até ao local de destino, para logo formarem bichas, qualquer que fosse a hora. Outras vezes era uma desilusão.

As lutas operárias para defenderem as precárias condições de vida abrangiam muitos sectores e assumiam grandes proporções. Por vezes prolongavam-se na obstinação da vitória, mais simbólica do que eficaz, pelos pesados sacrifícios que implicavam. Mas essas lutas tinham vigor combativo, revelavam maior união ou solidariedade das classes entre si, porque também não se confiava em promessas nem protecções, como hoje acontece com frequência. Nas fábricas e nas oficinas, no meio das dificuldades, ainda se encontrava a dádiva da solidariedade e os *quêtes* abriam-se a favor desta ou daquela classe em luta, deste ou daquele companheiro em desgraça, preso ou perseguido.

Às calamidades económicas e políticas da época, com as polícias políticas levando para as prisões trabalhadores militantes ou revoltados, ao luto das famílias que perdiam os seus familiares na guerra, lá longe, acresceram ainda as epidemias.

No final de 1918, a *pneumónica* (ou gripe espanhola) grassava intensamente, criando um estado de pânico colectivo (morreram mais de vinte milhões de pessoas em todo o mundo).

Era frequente verem-se nas ruas grupos de pessoas consternadas que comentavam a morte recente deste ou daquele vizinho, e os funerais, às vezes, sucediam-se a caminho dos cemitérios. Como as carretas funerárias não acudiam a tantos funerais, algumas vezes viam-se os caixões serem transportados *a pau e corda*, vulgar meio de transporte de mobílias ou mercadorias, utilizado pelos chamados

moços de fretes e que consistia num tabuleiro de madeira suspenso por duas cordas e duas varas grossas que se apoiavam nos ombros de quatro homens, acompanhados do préstito fúnebre.

As casas de penhor, muito abundantes na época e instaladas nos próprios bairros de população operária, eram as *instituições piedosas* de que muita vez qualquer um se socorria para empenhar o fato, um capote ou um relógio, se outro objecto mais valioso não existia. A usura alimentava-se também onde tudo escasseava.

Algumas vezes acompanhei minha Mãe nesses transes e aprendi com ela a coragem, a decisão e a independência, o protesto, o desprendimento das grandezas ou das míseras presunções, para ser capaz de viver altivamente, mesmo na adversidade, ela que nascera em berço de plumas.

Vivia-se num ambiente político tenso de prisões, de *secretas* espiolhando a vida das pessoas, com a imprensa a criar um clima de violência.

Certo dia correu pela cidade uma notícia. Para os lados do Chiado, a polícia matara vários presos que seguiam debaixo de escolta, com qualquer destino que não se concretizou. Saíra do Governo Civil uma leva de presos políticos e, quando desciam a Rua Serpa Pinto, levantou-se burburinho. A polícia disparou sobre os presos que não queria perder. Verificaram-se várias mortes e um novo acontecimento: a *Leva da Morte*, como ficou conhecido.

O final da Primeira Guerra

A experiência conduz, ou deve conduzir, à reflexão. O caudal de lutas operárias, muito intenso nessa altura, ocorria a par de um desenvolvimento orgânico e de métodos de luta mais amplos nos termos do sindicalismo revolucionário, cioso da autonomia operária, do valor de uma união livremente elaborada e aceite sem imposições ortodoxas ou exteriores, tendo fins imediatos relacionados com uma aspiração mais complexa. A contestação e a transformação da sociedade para que se capacitava permanentemente.

Verificava-se que as lutas salariais se esgotavam no acelerado aumento dos preços de mercado, sistema que o Estado protegia com a sua política de preços, onerando os trabalhadores.

A UON assumiu uma nova posição. A luta seria contra o aumento dos preços, considerando que o próprio processo das lutas salariais se esgotava, além de nem todos os trabalhadores disporem de igual poder reivindicativo. Num manifesto⁶ que dirigiu ao proletariado optou pela greve geral, contra o aumento do custo da vida e a especulação.

Esta opção, em termos de luta, novamente demonstrada nos nossos dias e passados mais de sessenta anos, não impressionou na organização sindical actual, limitada de espírito de luta, de capacidade de acção, e cativa do processo político partidário dominante.

Falava-se na greve geral. A preparação absorvia todo o movimento sindical. O poder político aprestou-se a enfrentar a situação.

Uma notícia correu célere por toda a parte. Acabou a guerra. Foi assinado o armistício no dia 11 de Novembro de 1918. As pessoas vieram para as ruas. À tarde saíram as edições especiais dos jornais com notícias. Momentaneamente a angústia popular dissipou-se e, como sempre, surgiu um novo raio de esperança.

A greve geral da UON, com a sua oportunidade e objectividade, iria desencadear-se num ambiente extremamente complexo e carregado de angústias. Naquele momento histórico em que se acendia uma centelha de esperança, a greve passara para segundo plano.

Era um domingo de manhã. Minha Mãe mandou-me ao salsicheiro e, ao passar na esquadra de polícia, notei que havia um movimento desusado na rua.

Nessa noite, Sidónio Pais fora morto na Estação do Rossio quando embarcava para o Porto para, como se disse, conjurar conspirações que fermentavam na guarnição militar do Norte. Pela rua as pessoas falavam animadamente mas inquietas do que poderia acontecer. Quando cheguei a casa também já conheciam a notícia.

6 A parte mais concreta do manifesto, publicado em Maio de 1918. Vd. Anexo I.

O ano de 1918 ia terminar desencadeando novos acontecimentos que ainda eram uma incógnita.

O funeral foi preparado para uma consagração da situação política de que o Sidónio fora chefe, no estilo e com a pompa dos funerais de monarcas. Contava que a aura popular, de que gozara em certo tempo, se exacerbasse em manifestações de pesar e de histerismo com o assassinio e a morte. Não faltaram pobres em lamúria e mulheres em transe, uma consagração de fundo popular e emocional.

Assisti com meu Pai à sua passagem na Rua do Ouro. Foi um cortejo imenso de carros alegóricos de variadas instituições e corporações. De súbito estoirou uma bomba e ouviram-se tiros nas cercanias do Rossio. Houve pânico, correrias e eu fiquei entalado entre um grande número de pessoas caídas. O cortejo acelerou-se e a pompa desvaneceu-se.

Por algum tempo perdurou o espectáculo de baixa credence e do culto dos mortos nos votos especialmente das mulheres, com velas, devoções e retratos do major morto. Embora em menores proporções, a recente morte de Sá Carneiro reproduziu o mesmo mito da queda do herói e a mesma psicose do ritual da morte violenta.

A situação política sidonista continuou a sua agonia na sucessão de novos acontecimentos, que assumiram maior gravidade na tentativa de restauração da monarquia no Norte, a *Traulitânia*⁷, acompanhada de igual tentativa em Lisboa, a revolta do Monsanto, e ainda a revolta republicana de Santarém.

Naquela manhã de Janeiro de 1919 houve alvoroço na cidade. A bandeira monárquica estava hasteada no forte de Monsanto e forças militares, comandadas por oficiais monárquicos, bombardearam alguns quartéis da cidade.

A República, mais uma vez, teve de socorrer-se do apoio dos trabalhadores, tantas vezes perseguidos e acusados pelos próprios republicanos de *fazerem o jogo dos monárquicos* ou, mais recentemente, de a terem comprometido com as greves quando, afinal, deviam

⁷ Foi assim apelidada pela acção que nela tiveram os grupos de caceteiros que assim faziam a caça e a perseguição às pessoas desafectas.

era assumir os seus desatinos e incapacidades. Mas os trabalhadores acorreram principalmente para defenderem as suas conquistas e liberdades, ainda que precárias, porque a restauração monárquica, sabiam bem, seria sobretudo o triunfo da coligação de todas as forças reaccionárias e de todos os interesses privilegiados.

A restauração da monarquia, a simples questão do regime, iria mais tarde sepultar-se de modo caprichoso no salazarismo. Agora, de modo análogo, pelos partidários de Ribeiro Teles (dirigente do PPM, Partido Popular Monárquico e membro do governo da AD), instalando-se no serviço das instituições republicanas com a bandeira verde da ecologia e nos recessos de uma coligação política.

Alguns dias depois (no dia 23 de Fevereiro de 1919), começou a publicar-se em Lisboa o jornal diário *A Batalha*, órgão da União Operária Nacional e porta-voz da organização operária, que entrou logo em minha casa, substituindo *O Século*. Nessa noite tive de ler o novo jornal.

A intensidade dos acontecimentos que se sucediam, a chama da revolução russa, ainda revestida de mistério, e agora aquela voz vibrante, que todas as manhãs ecoava no pregão dos ardinias, aumentaram a minha curiosidade, exaltavam-na e davam-lhe um inesperado conteúdo sentimental e de reflexão.

Os acontecimentos sucediam-se. No 1.º de Maio, como se tornara habitual, houve a paralisação do trabalho por iniciativa e vontade dos trabalhadores e o comício, convocado para o Parque Eduardo VII, pôs muita gente em movimento.

No dia seguinte houve alarme na cidade. O pessoal da Companhia das Águas declarou-se em greve e rompeu um incêndio nas Encomendas Postais, instaladas na ala ocidental do Terreiro do Paço, que tomou enormes proporções. As notícias e as especulações sobre o caso suscitaram um clima de insegurança. As pessoas acorreram aos pontos altos da cidade para ver o enorme clarão.

Voltou-se a viver as surpresas dos muitos incêndios que decorreram no período da guerra, com o seu mistério de falências ou de desfalques, como fora o incêndio do Depósito Central de Fardamentos, em Santa Clara.

No dia imediato, quando ainda estava a arder o edifício do Terreiro do Paço, os presos da cadeia do Limoeiro revoltaram-se e lançaram-lhe fogo que ainda mais alarmou a cidade. Os dois fogos iluminaram de pânico Lisboa.

A imprensa reacendeu as suas habituais campanhas contra o movimento sindical, com o fantasma da subversão social, quando semanas antes os trabalhadores tinham acorrido a Monsanto a dominar a subversão reaccionária. A polícia continuou a sua habitual repressão.

No dia 4 de Maio, os grevistas da Companhia das Águas suspenderam voluntariamente a greve para obviarem à situação dramática da cidade.

Porfiadas greves de várias classes tinham conquistado já a jornada de trabalho de oito horas. O ministro do Trabalho, o socialista Augusto Dias da Silva, confirmou-a em lei do país.

A leitura do jornal sindical e da literatura revolucionária, que apenas contactei e queria compreender, começaram por me esclarecer que a nossa vida não é a simples fatalidade de existir mas de sermos agentes do próprio processo histórico. E a liberdade será a forma de se realizar como pessoa responsável, componente da comunidade onde aparece por ter nascido, sem responsabilidade nas formas sociais que encontrou mas que, legitimamente, tem o direito de as transformar. E com essa mesma noção de liberdade deverá opor-se às flagrantes desigualdades sociais e tormentosas condições da vida humana por exclusivos privilégios.

Ainda adolescente, vivendo ainda no restrito meio familiar e escolar, tomando contacto com o mundo convulso apenas pela linguagem dos adultos, o eco dos acontecimentos repercutiu-se em mim numa expressão sentimental.

Mas os acontecimentos, tomando cada dia maior vulto e proximidade, suscitavam também uma prática.

No meu bairro moravam muitos ferroviários, especialmente operários das oficinas da CP em Santa Apolónia. A 2 de Julho de 1919 declarou-se a greve ferroviária. O movimento dos participantes e os seus comentários, a força pública que guardou, com manobras, as oficinas e a estação e a decisão do ministro Sá Cardoso de

mandar atrelar à frente dos comboios, tripulados por militares, vagões abertos que transportavam grevistas presos, na intenção de evitar sabotagens, eram os assuntos das pessoas e impressionaram-me, num certo assomo de revolta.

Na rua onde eu morava, no quintal da residência dum homem muito conhecido por sindicalista, foi montada uma *cozinha comunista*⁸, onde se fornecia comida a grevistas mais necessitados. O espectáculo desta iniciativa de entreatajuda, de justiça e de solidariedade, ultrapassava o quotidiano de cada um, amarrado a um destino pobre e resignado.

O meu mundo de adolescente, mesmo no restrito meio familiar, deleitava-se pelas ressonâncias do agitado mundo do trabalho, das convulsões sociais e políticas que vinham até mim, que tomariam amplitude quando comecei a trabalhar, ao contactar com o sistema de produção capitalista, onde as tais relações de produção se aprendem e estudam *in loco* e na pele, muito mais elucidativas do que na hermenêutica dos textos da escolástica marxista.

Todavia, fizera já a minha opção. Sindicalismo e anarquismo, uma prática e uma teoria.

Completara 12 anos de idade e frequentava o 3.º grau da Escola-Oficina n.º 1, na Graça.

O curso da escola era uma sucessão de instrução primária e secundária. O grau que frequentava era já do secundário e que se completava no 6.º grau.

Aproximava-me da idade que se qualificava de *aprender um ofício*, aos 14 anos, como fora estabelecido por lei e não possuía, portanto, a carta de instrução primária, já um significativo diploma para um operário, pois a percentagem de analfabetismo, dizia-se na altura, andava na ordem de 80% da população. Meus pais pensaram no assunto e matricularam-me na escola primária da Câmara, a 98, da Rua da Penha de França.

⁸ O termo não tinha o significado político de hoje, pois nem existia ainda o Partido Comunista, mas era no sentido comunalista, que lhe dava o ideário anarquista.

Quando o regente, o Sr. Ascensão, me examinou para a admissão, verificou que eu estava apto nas matérias mas, mostrando hostilidade ao sistema pedagógico da Escola-Oficina, sentenciou: — O menino vai para a 2.^a classe para fazer a passagem à 3.^a. Logo que comecei as aulas pôs-me a leccionar os meus colegas e, até à 4.^a classe, fui sempre monitor.

Nessa escola tive como condiscípulo Germinal de Sousa, filho de Manuel Joaquim de Sousa, destacado militante da CGT e tornámo-nos rapidamente amigos. Logo nas nossas conversas afluíram pontos de contacto que nos identificaram e também pela comum amizade com o Giro, filho de Neno Vasco, que morava no prédio em frente da escola e fora meu condiscípulo na Escola-Oficina n.º 1. Eu e ele, no recreio, ensinávamos aos condiscípulos o hino de *A Batalha* e a «A Internacional».

3.

O trabalho e a profissão

(1920-1924)

Iniciação profissional

Prestes a terminar a minha instrução primária, o meu próximo destino seria escolher, ou calhar-me à sorte, a aprendizagem de uma profissão, um trabalho qualquer e o percurso da vida de um trabalhador assalariado, como os meus Pais.

Embora tivesse predilecção pelas técnicas e tivesse desejo de prosseguir os estudos, não poderia ter outro destino.

Como, nesse tempo, só os cursos comerciais e industriais eram acessíveis à minha condição, tive como recurso o trabalho industrial, que não me desagradava, porque o emprego no comércio, ou no ainda precário sector de serviços eram, sobretudo, funções muito dependentes e mal remuneradas, sem garantias de trabalho e obrigadas ainda a apuros de fatiota.

Aprender um ofício era ainda a única margem de segurança e de relativa independência. Um futuro para um trabalhador era a sua aptidão no domínio dos materiais, o conhecimento das técnicas profissionais, a experiência que adquiria e que qualquer patrão não improvisava com qualquer outro.

A máquina, como produtora de um objecto acabado, estava ainda numa fase embrionária. O ofício era ainda o único futuro que caracterizava o operário, a sua capacidade criativa e a sua autoridade no modo de execução do trabalho.

O oficial de ofício sentia-se numa dignidade que defendia ciosamente e era na forma como defendia que valorizava a sua condição de assalariado e as suas regalias.

É certo que, por vezes, isso conduzia, como podia ocorrer nos ofícios e indústrias em que se produziam certas especializações, à formação de categorias que se conservavam com certo rigor na sobrevivência de velhos hábitos corporativos, assim como certos trajes e indumentárias. O chapéu de coco ou o chapéu mole, o jaquetão ou o paletó, ou a jaqueta de ganga, de quatro bolsos, farta, característica dos correiros.

Hoje, procurando analogias com as diferenciações de diversos escalões de serviço e categorias diferenciadas, julga-se descortinar em alguns antigos ofícios profissionais aristocracias operárias, que eram ciosas dos seus múnus profissionais. Mas julgo que é incorrecto.

O oficial de ofício era cioso da sua competência. Situava-se numa hierarquia de funções face ao aprendiz ou ao servente, mas ambos conviviam e solidarizavam-se face ao patrão porque, afinal, durante as funções não se afastavam como sucede agora, em que mesmo que as funções se encadeiem todavia não se encontram, às vezes porque até funcionam em sectores separados.

Na Escola-Oficina afeiçoara-me à arte de entalhador, pois tive um mestre categorizado, João Emídio Maior. Mas o meu Pai e o meu Irmão eram metalúrgicos e por isso seria mais fácil relacionar-me e arranjar trabalho nessa indústria.

Meu Tio materno, Agostinho de Carvalho, militante socialista, era ao tempo Mestre da Oficina de Máquinas do Arsenal de Marinha e muito considerado. A minha Mãe pensou que, por sua via, poderia entrar para o Arsenal. Naquele tempo já o pessoal dos estabelecimentos fabris militares auferiam salários razoáveis, férias e feriados pagos, reforma e trabalho assegurado nos quadros, ainda com a possibilidade de estudar. Mas a ideia não me sorriu. Era um estabelecimento militar.

Combinando a minha privança com trabalhos em madeira para a indústria, onde teria mais contactos, acabei por ir aprender o ofício de carpinteiro de moldes numa empresa metalúrgica, a Street, na Rua do Poço dos Negros.

Senti entusiasmo pela minha iniciação num outro mundo, diferente da escola, talvez mais livre, o desejo veemente do adolescente.



*Sede do Sindicato
Metalúrgico de Lisboa,
na Rua da Esperança,
122, 2.º*

Mas era também o mundo do trabalho, onde já sabia que se desenvolviam acontecimentos, captados nas conversas dos adultos, onde igualmente germinavam ideias novas, onde se lutava por justiça e se forjavam novos destinos para a humanidade. Ia afinal penetrar nesse mundo imaginado nas minhas poucas leituras.

É assim que, em 24 de Julho de 1920, passei, de um salto, da escola para a oficina e troquei as lições pelo trabalho assalariado. Nessa mesma altura inscrevi-me no Sindicato Único das Classes Metalúrgicas, aderente à CGT, como aprendiz, com 14 anos, idade já fixada por lei para a admissão de aprendizes.

O entusiasmo fácil do adolescente encontraria uma realidade diferente. Seria o caminho acidentado da aprendizagem, nas precárias instalações industriais, sem higiene e nos trabalhos rudimentares de

**Memórias de
um militante
anarco-sindicalista**

foi composto em caracteres HoeflerText e
Kingthings Typewriter, e impresso pela Europress
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
no mês de Janeiro de 2024.

